

## **CLUBE DE CIÊNCIAS, ARTE, CULTURA E SAÚDE MENTAL: Experiências artístico-culturais e de iniciação científica do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli (Curitiba, 2025)**

*Science, Art, Culture and Mental Health Club: Artistic-cultural and scientific initiation experiences at Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli (Curitiba, 2025)*

Bruna Rafaely Carvalho de Souza<sup>1</sup>  
Eduarda Jennifer Lopes Zerefino<sup>2</sup>  
Elisama Fernanda Valentim<sup>3</sup>  
Gabrielly Tkaczyk Costa<sup>4</sup>  
Gustavo Melo Szymanski da Silva<sup>5</sup>  
Maria Vitória de Assis Correia<sup>6</sup>  
Miguel Henrique Neve Chaves<sup>7</sup>  
Vitória Tkaczyk Costa<sup>8</sup>  
Fabiane Helene Valmore<sup>9</sup>

O Clube de Ciências, Arte, Cultura e Saúde Mental integra a Rede de Clubes Paraná Faz Ciência desde setembro de 2024, ocasião em que a Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná e o Novo Arranjo de Pesquisa e Inovação (NAPI Paraná Faz Ciência) tornaram pública a relação de 200 Projetos de Clubes de Ciências selecionados pelo Edital nº 03/2024. Inspirado no legado da Dra. Nise da Silveira, o Clube é um projeto de iniciação científica idealizado pela professora socióloga e militante da luta antimanicomial Fabiane Valmore, que reúne estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, no contraturno escolar do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli (Curitiba), uma vez por semana, das 14h às 17h. Além dos encontros semanais realizados na escola, diversas atividades acontecem fora do ambiente escolar, como visitas a Museus e Universidades Públicas, sempre previamente organizadas dentro do contexto de pesquisa do Clube. Oficinas teórico-práticas também fazem parte do Clube, que atualmente realiza três pesquisas já apresentadas em Mostra e Feiras de Ciências do Paraná:

1- Esquizofrenia: Estamira e os “inumeráveis estados do ser”

---

<sup>1</sup> Bruna Rafaely Carvalho de Souza, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>2</sup> Eduarda Jennifer Lopes Zerefino, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>3</sup> Elisama Fernanda Valentim, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>4</sup> Gabrielly Tkaczyk Costa, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>5</sup> Gustavo Melo Szymanski da Silva, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>6</sup> Maria Vitória de Assis Correia, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>7</sup> Miguel Henrique Neve Chaves, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>8</sup> Vitória Tkaczyk Costa, Estudante clubista no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

<sup>9</sup> Fabiane Helene Valmore, Professora do Clube de ciências, arte, cultura e saúde mental, no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

2- Nise da Silveira e Rede de Atenção Psicossocial do SUS: percepções da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba (2025)

3- Uso Excessivo de telas: percepções de estudantes do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli

Estas pesquisas de iniciação científica foram apresentadas na Feira de Inovação em Ciências e Engenharias (Ficiências) 2025, em Foz do Iguaçu, na Itaipu Parquetec e também na Feira de Cultura Científica Paraná Faz Ciência na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em Curitiba, entre outubro e novembro de 2025, após terem sido selecionadas para este fim. Parte destas pesquisas foram primeiramente apresentadas na Mostra de Clubes, realizada na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava, Paraná, durante a 5ª Edição da Semana Estadual de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Além disso, houve a elaboração de um roteiro para peça de teatro, intitulado “Romeu e Julieta: Enlouqueceu?”, que busca tratar o tema da loucura e romper preconceitos e estigmas sociais, com personagens inspirados em Nise da Silveira, Estamira, Bispo do Rosário, bem como no filme Bicho de Sete Cabeças, referências do nosso Clube de Ciências. Escrita pela clubista Elisama Fernanda Valentim, 9º ano, de forma espontânea, livre e criativa, contou com contribuições pontuais de colegas do Clube. Este roteiro, com mais de 20 páginas, mostra como a arte também pode contribuir no processo de pesquisa e de divulgação científica. Durante a FECCi 2025, entramos em contato com o Teatro Científico da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que nos mostrou que é possível fazer do teatro um espaço de reflexão científica. Em 2026, vamos experimentar fazer ciência no palco e romper estereótipos, afinal, nas palavras de Elisama Fernanda Valentim Silva:

Eu fiz o roteiro de teatro para as crianças verem e perceberem sobre a história de Nise da Silveira, Bicho de 7 cabeças e da Estamira - para saberem diferenciar as histórias e perceberem que a gente pode se interessar um pouco mais na história [da peça]. Eu quero que seja interativa para as crianças não pensarem que é uma palestra pois elas não irão ligar e nem se importar [se assim o for]. Quero que crianças possam interagir com os atores/personagens do teatro e que a gente possa perceber se ainda tem preconceito nas crianças pois um dia que eu e a Gabrielly e Vitória [estudantes do Clube] passamos em salas dos 6º anos para perguntar "**O que é esquizofrenia para você?**", várias frases foram preconceituosas como o meme "fugiu do CAPS". O roteiro que eu preparei para parar com o preconceito das crianças e para perceberem que podem ser diferentes as palavras que podem machucar. O roteiro é para isso. Bom, quero que eles entendam isso e compreendam que isso não é algo que se fala para as pessoas. Quero que compreendam e pensei nisso como algo sério, mas não tão sério assim.

A ideia do teatro, para tratar de um tema sério que a sociedade precisa compreender melhor e respeitar - afinal, usar a palavra esquizofrenia como um xingamento, como forma de ofender às pessoas, é algo que precisamos combater - se junta como possibilidade teórico-metodológica de pesquisa do Clube, assim como a escrita de narrativas em primeira pessoa, de poesias e diversas formas de expressão artístico-cultural como as que seguem nesta proposta-convite, aceita por alguns dos estudantes clubistas que compõe o todo desta apresentação de si e do Clube.

Importante ressaltar aqui que, mesmo parecendo destoar da temática do Clube, a pesquisa sobre o uso excessivo de telas, ao buscar identificar e analisar as causas e as consequências deste uso na adolescência, mostra solidão, fuga da realidade, tédio e ausência do que fazer como justificativas oferecidas por muitos dos 250 estudantes/participantes, entre maio e outubro de 2025. Tais justificativas podem ser compreendidas tanto do ponto de vista social como psicossocial, portanto dentro dos interesses de pesquisa do Clube, que se faz a partir das Ciências Sociais e Humanas.

Gabrielly Tkaczyk Costa



Gabrielly Tkaczyk Costa está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental e faz parte do Clube desde março de 2025. Participou apresentando pesquisa em todas

as três oportunidades que tivemos: na Mostra de Clubes e nas duas Feiras de Ciências. Gaby teve a ideia de fazer uma logo para o Clube e, quando perguntada sobre isso, explica da seguinte maneira:

#### ☐ **Gato + Lobo = Raposa:**

**Gato:** Segundo a doutora Nise da Silveira, gatos são **coterapeutas**.

**Lobo:** Na simbologia artística e cultural um lobo representa **força, lealdade e sabedoria**.

**Raposa:** Na simbologia artística e cultural a raposa significa **criatividade, astúcia e inovação**; Na saúde mental representa a **inteligência emocional**.

Decidi fazer uma **raposa prateada** (de cor cinza), pois na psicologia das cores a cor cinza significa várias coisas principalmente **equilíbrio, estabilidade e calma**.

#### ☐ **Borboleta:**

Na arte, uma borboleta representa a **liberdade**, já na mitologia grega uma borboleta é um símbolo cultural profundo com uma conexão intrínseca e histórica com o conceito de **Psiquê** (do grego psychē) que nos leva a psicologia – “**psique**” é **um símbolo na psicologia** porque o significado pode ser tanto “borboleta” quanto “**sopro de vida**” ou “**alma**”.

A cor **lavanda** na psicologia está associada à **redução de estresse e ansiedade**, e na psicologia das cores está associada à **criatividade, calma e relaxamento**.

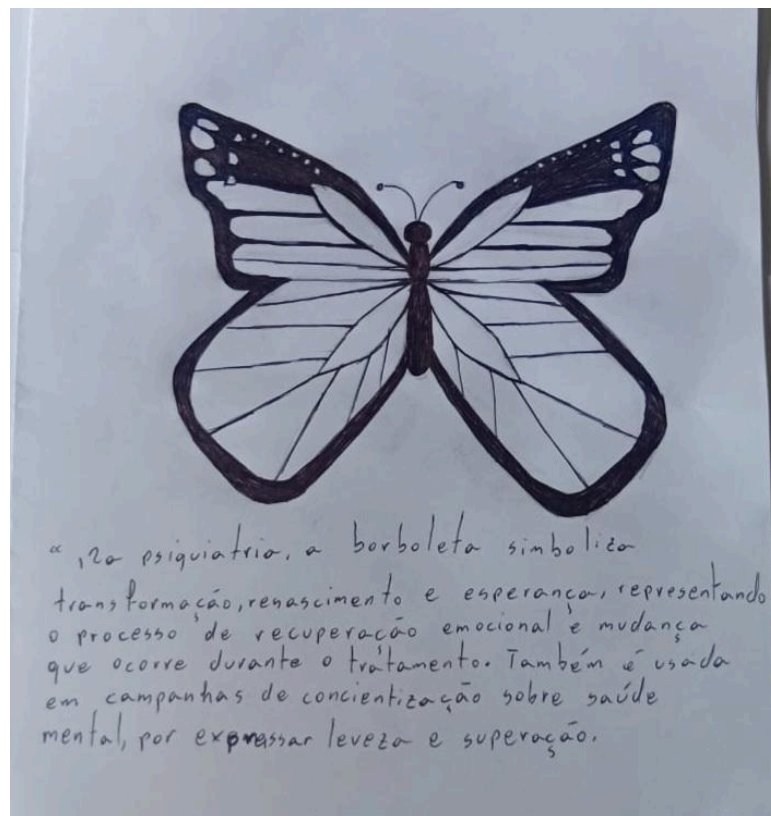
A cor **azul claro** na psicologia está associada à **serenidade, tranquilidade e paz**, e na psicologia das cores está associada à **amizade, harmonia, clareza, confiança e até mesmo segurança**. O padrão de asas da borboleta contém traços em formas de olhos em espirais, evocando o “olhar da alma” e a psique. A borboleta é relativamente grande em relação à cabeça da raposa, para mostrar sua importância simbólica.

Miguel Henrique Neves Chaves

Oi, eu sou o Miguel, estudante do 9º ano da rede estadual de ensino do Paraná, no Colégio Rodolpho Zaninelli. A minha participação no clube de ciências é algo gratificante, embora em contrapartida, há algumas dificuldades que enfrentamos. Particpei da FECCi em novembro de 2025 na UTFPR em Curitiba, podendo apresentar junto com dois colegas do Clube a pesquisa **Nise da Silveira e Rede de Atenção Psicossocial do SUS**: percepções da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba e pude ver de perto muitos clubes de escolas estaduais do Paraná que também apresentam dificuldades. **Ser um estudante clubista é algo que exige força de vontade, determinação e paciência - o processo é longo e cansativo mas a recompensa de poder fazer e apresentar pesquisas e ver pessoas interessadas nelas é algo inigualável**. No clube realizamos diversas visitas a museus, universidades públicas e a mais recente foi no Centro Estadual de

Capacitação em Artes Guido Viaro e com isso vemos de perto o trabalho de outras pessoas artistas e pesquisadoras. Em resumo, o clube é muito bom, porém, há dificuldades, e para mim, como alguém que vivência isso, é extremamente gratificante, pois temos muitas habilidades desenvolvidas simultaneamente, tanto de pesquisa como artísticas. **Visitando diversos equipamentos públicos, ocupamos a cidade e isso também é um direito que estamos conquistando.** No clube estudamos muitas coisas, principalmente sobre Saúde Mental Pública e isso inclui conhecer algumas referências como Nise da Silveira que inspira o nosso Clube, Estamira e Carrano que nos ensinam sobre a loucura e a Luta Antimanicomial. Assistindo Sequelas, documentário que mostra o próprio curitibano Austregésilo Carrano, autor do livro O Canto dos Malditos que foi transformado no filme Bicho de Sete Cabeças, podemos ter a noção do quanto os manicômios - verdadeiros ambientes de tortura física e mental e, portanto, de práticas desumanizadas - tiram a liberdade das pessoas e produzem sequelas irreparáveis na vida de quem sofre os horrores do hospício em nome da ciência, dos bons costumes e da higienização social. Estivemos no MuMA - Museu Municipal de Arte no Portão Cultural e como costuma ser, participamos de uma Oficina organizada especialmente para o nosso clube: lemos e conversamos sobre um dos textos do curitibano Paulo Leminski - "Já era uma vez" - que começa com as seguintes palavras: "Era uma vez uma história bem pobrezinha, tão pobrezinha que não tinha personagens, não tinha começo, não tinha meio, não tinha fim, nem enredo ela tinha." Uma história sem enredo é como uma casca vazia, que parece errado, **mas... e se virmos por um outro lado? Algo mais artístico? Às vezes, uma história sem enredo não é uma história incompleta, mas uma história para ser completada.** É como um quadro branco, prestes a tornar-se a Mona Lisa. E que às vezes não notamos, mas nossa história [enredo] a gente deixa passar sem dar valor, o tempo passa, mas ela está lá... e nós não valorizamos por ser uma coisa pequena, mais um dia, mais um mês, mais um ano... A Mona Lisa é um exemplo por ser considerada a arte mais famosa do mundo, **a minha ideia é que tudo tem um início, e no início, Da Vinci olhou um quadro em branco antes de torná-lo o quadro mais famoso e prestigiado do mundo.** Também tive a oportunidade de participar da entrevista com a Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba onde foi possível notar que a Nise da Silveira é mais considerada como uma figura "metodológica", "histórica" e reconhecida como um ícone e precursora da Luta Antimanicomial usada nos estudos durante a formação de futuros profissionais de saúde do que presente na prática, no dia a dia da RAPS de Curitiba, como uma pessoa (Heroína da Pátria) que transformou o tratamento de pessoas que tiveram adoecimentos mentais em algo mais humano, mais humanizado.

Bruna Rafaely Carvalho de Souza



Arte: Bruna Rafaely Carvalho de Souza

Olá, me chamo Bruna e estou no 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli. O que tenho a dizer sobre o nosso Clube é que, participar do Clube de Ciências tem sido uma experiência que ultrapassa a ideia tradicional de pesquisa escolar. Quando entrei, há menos de 2 meses, imaginava que seria apenas um espaço para estudar métodos, coletar dados e organizar trabalhos. **Aos poucos percebi que o Clube funciona como um lugar de encontro entre curiosidade, reflexão e convivência, onde cada um de nós consegue se escutar melhor e compreender como ciência, cultura e experiência pessoal se misturam.** Temos estudado a vida e a obra de Nise da Silveira. Antes do Clube, eu conhecia pouco sobre sua importância. À medida que fomos lendo, discutindo e observando os exemplos de sua atuação, comecei a perceber a força do trabalho dela. **Em vez de aceitar tratamentos violentos ou mecânicos, Nise escolheu olhar para as pessoas com transtornos mentais como sujeitos, não como diagnósticos.** Ela encontrou na arte um caminho para acessar aspectos internos, imagens do inconsciente, que nem sempre podem ser descritas em palavras. Essa postura, tão simples à primeira vista, revela uma mudança profunda na forma de compreender o sofrimento humano. **Participar do Clube de Ciências, estudando Nise da Silveira, me faz perceber que pesquisar não é apenas acumular informações, mas desenvolver modos de olhar o mundo.** Sigo aprendendo,

questionando e descobrindo caminhos que, talvez, eu não teria explorado sem esse espaço. E isso, por si só, já torna a experiência significativa.

**Poema: Nise**

Por Bruna Rafaely Carvalho de Souza

No corredor fechado da antiga psiquiatria  
Onde o silêncio pesava mais que o diagnóstico,  
Nise abriu janelas.

Recusou a violência,  
rompeu grades invisíveis  
Ouviu o que ninguém escutava.

No ateliê que parecia simples,  
nasceram mundos:  
linha que eram gritos,  
cores que eram memórias,  
formas que pediam liberdade.

Ela viu pessoas  
onde outros viam doença.  
Viu histórias  
onde outros viam perigo  
Viu humanidade  
onde outros buscavam controle.

Com afeto como método,  
com arte como linguagem  
ela devolveu voz ao inconsciente ferido.

E até hoje,  
nos traços que ainda vibram  
nos cuidados que se renovam  
ecoam suas perguntas:

Que cura existe  
sem escutar?

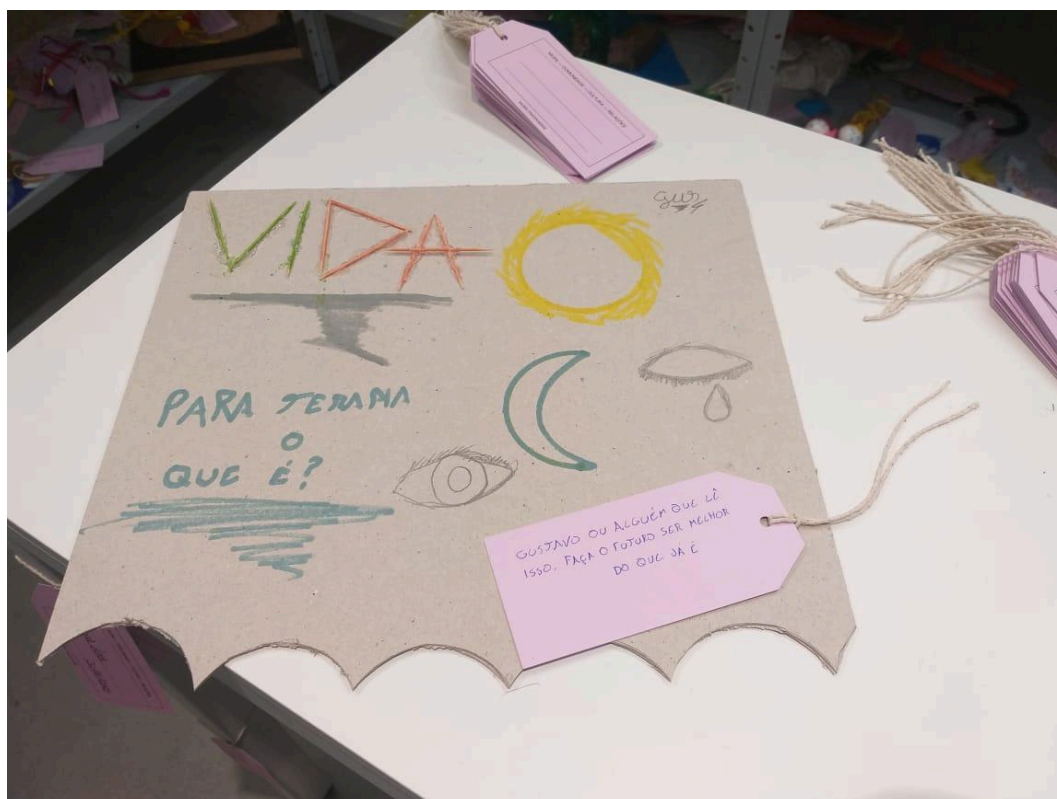
**Que ciência existe sem olhar?**

Que saúde mental existe  
sem dignidade?

Nise respondeu sem gritar:  
abrindo portas.  
quebrando certezas,  
devolvendo ao mundo

o direito de sentir.

Gustavo Melo Szymanski da Silva

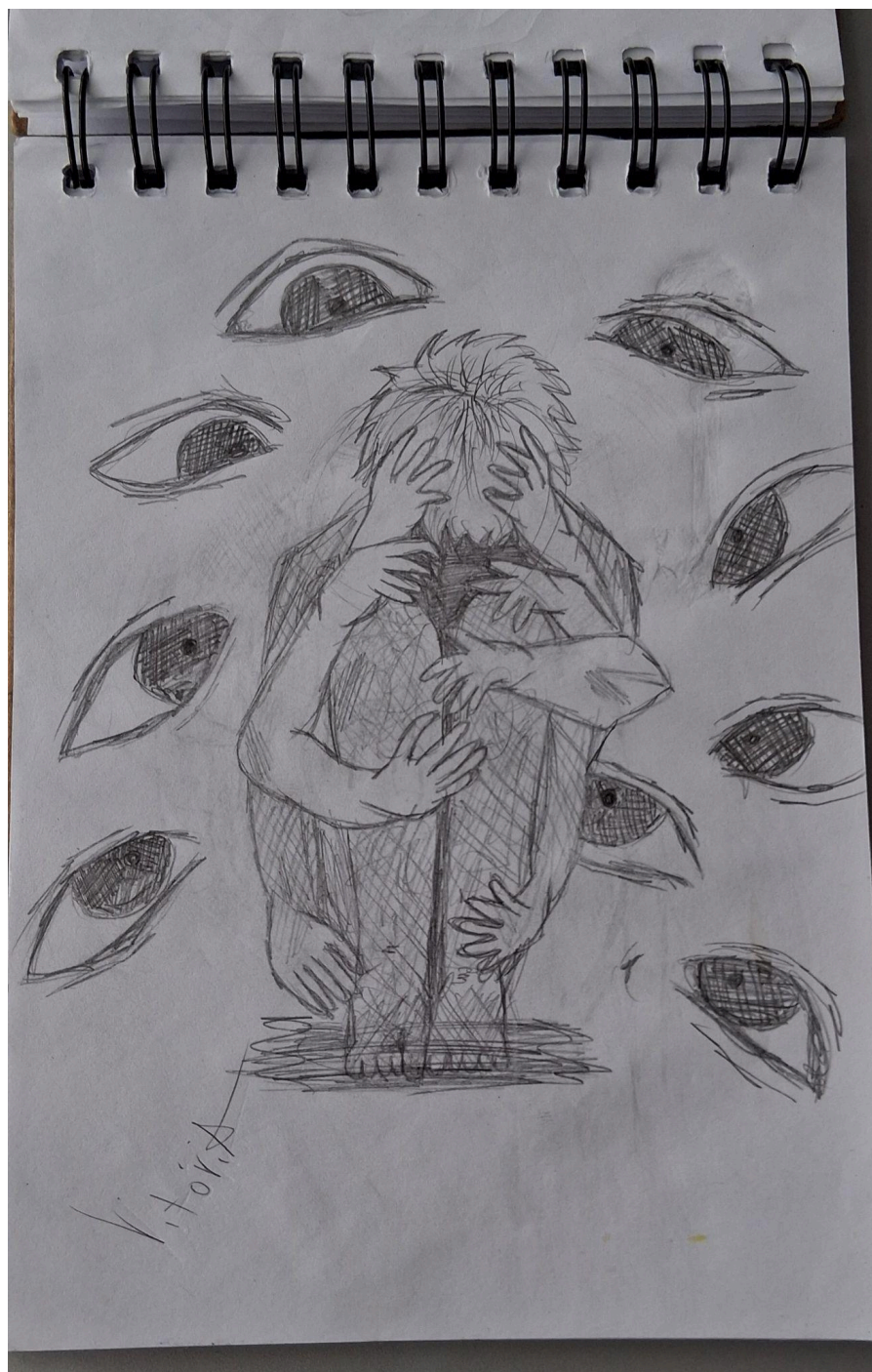


Arte: Gustavo Melo Szymanski da Silva. Museu Oscar Niemeyer (Curitiba, 2025)

Gustavo Melo Szymanski da Silva é natural de Curitiba, Paraná, nascido em 2009. Atualmente cursa o 1º ano do Ensino Médio Técnico em Mecatrônica no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli, área pela qual tem grande interesse, especialmente pela combinação entre tecnologia e inovação. Tem afinidade com atividades esportivas, principalmente o futebol, e valoriza o contato com a natureza e atividades ao ar livre, como forma de manter uma boa saúde física e mental. É aluno monitor na disciplina de Geografia e participa ativamente do Clube de Ciências, Arte, Cultura e Saúde Mental, desde março de 2025, que se inspira nos ensinamentos da Dra. Nise da Silveira, promovendo o autoconhecimento e o aprendizado por meio da cultura, da arte e da saúde mental. Participou da I Mostra de Clubes “Paraná Faz Ciências”, em outubro de 2025, e da FECCi 2025, apresentando a pesquisa “Uso excessivo de telas: percepções de estudantes do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli”, junto com mais dois colegas do Clube em Guarapuava, Paraná. Atualmente é bolsista CNPq de Iniciação Científica - PIBIC-EM da Universidade Estadual do Paraná, sob orientação da professora Doutora Gislaine Cristina Vagetti, da Faculdade de Artes do Paraná - Campus II Curitiba (UNESPAR) e co-orientação

da professora socióloga e Mestre Fabiane Valmore. No PIBIC-EM está realizando a pesquisa “Saúde é Alegria”: Vida e obra do Artista Hamilton de Jesus Assunção, cantor e compositor da Banda Harmonia Enlouquece.

Maria Vitória de Assis Correia



Arte: Maria Vitória de Assis Correia

Durante esse desenho eu pensei: **a loucura é tratada ou piorada por quem cuida?** Por que ninguém faz essa pergunta? Ninguém para para se entender e ainda mais para entender os outros. **Os olhos representam o julgamento, a**

**vergonha, o bullying e a luxúria. Já as mãos representam o medo do abuso e do assédio.** Porque a loucura não fala apenas da loucura, ela explica os princípios que acarretam, como traumas, xingamentos e problemas passados que não foram curados. **Assim como ninguém nasce vilão, ninguém nasce louco. A vida cria a loucura e nós somos os experimentos.** A loucura não é apenas loucura, é pânico, ansiedade, depressão, distorção de imagem e esquizofrenia. Então a loucura não deveria ser um problema, deveria ser tratada da forma correta e usada como superação. **Assim como muitas pessoas sofreram nos hospícios antigamente, muitas sofrem hoje. Então a loucura não é um problema, é um símbolo de força.** Há pessoas que não falam o que sentem, guardam pra si, e são fortes também. - às vezes choram, mas não na frente dos outros por medo de serem julgadas e de serem chamadas de “fracas”. Mas ninguém é forte o tempo todo. Todo mundo chora um dia. Às vezes a pessoa só precisa chorar pra se sentir melhor e quando a pessoa esconde as lágrimas pode acabar explodindo em dores dentro de si própria.



Arte: Maria Vitória de Assis Correia

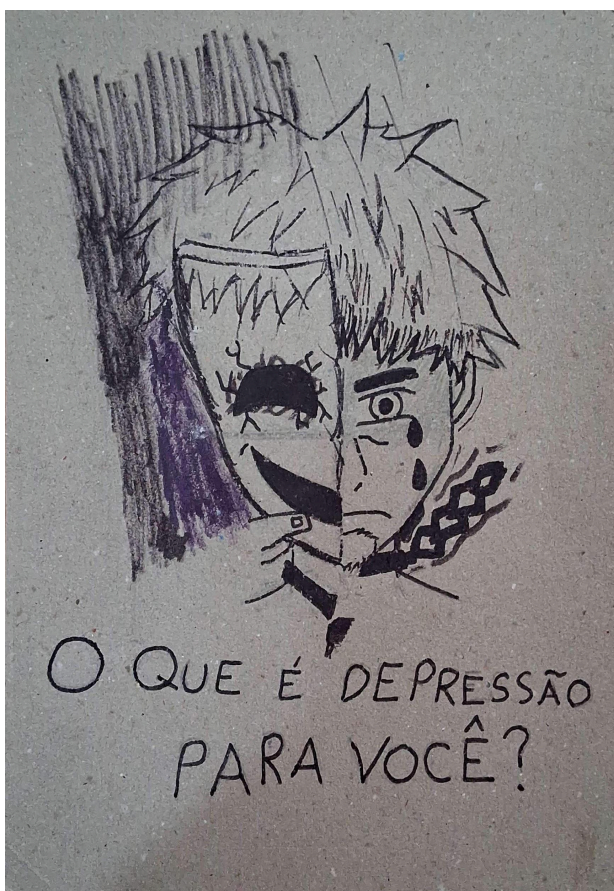
Durante esse desenho eu pensei em muitas coisas, não só sobre loucura mas também sobre a ansiedade social. As mãos representam o sufoco do passado, o abuso e os traumas. O sentimento da solidão mesmo estando rodeada de pessoas. O sentimento de ter todos que você quer menos a que você queria. **O sentimento de perder quem amava e se sentir sozinha**, quando você se pega pensando em algo que já passou, mas é tão nostálgico imaginar como algo tão bom passou tão rápido - a dor de chorar sozinho e não poder deixar sair por vergonha de si mesmo, o medo é algo presente, mas quando tem demais você pode deixar a dor tomar conta do abismo dentro de você.

Eduarda Jennifer Lopes Zeferino



Arte: Eduarda Jennifer Lopes Zeferino

Gustavo Melo Szymanski da Silva



Arte: Gustavo Melo Szymanski da Silva

